

A Dança do Planejamento em Pesquisa Qualitativa

Metáfora, Metodolatria e Significado

VALERIE J. JANESICK

Toda dança é, em maior ou menor extensão, uma espécie de
mapa da excitação, um gráfico do coração.
Martha Graham

Quando Martha Graham, a dançarina e coreógrafa ao mesmo tempo mais famosa e infame do mundo da dança, foi solicitada a descrever dança, ela disse tais palavras para capturar sua essência. Neste capítulo, eu gostaria de discutir a essência do planejamento em pesquisa qualitativa. Escolhi a metáfora da dança por duas razões.

Em primeiro, dança é a forma artística à qual sou mais dedicada, tendo sido uma dançarina e coreógrafa por mais de 25 anos. Comecei a frequentar classes de dança desde criança. Minha mãe era dançarina nos shows USO, e ela exerceu uma forte influência sobre mim. Tornei-me uma coreógrafa por uma evolução natural, seguindo as pegadas de muitos dos meus mais adorados e influentes professores. Em dança, um vibrante sistema mestre-discípulo é importante. Coreografei dança moderna, balé, dança étnica e folclórica e danças para musicais do Teatro Cívico Ann Arbor, e para várias universidades e companhias de dança regionais. Como era professora, também fiz coreografias para vários distritos escolares nos estados de Michigan e Ohio. Dirigi minha própria companhia de dança em Ann Arbor, East Lansing e Bowling Green, em Ohio. Em Ohio recebi subvenções, juntamente com os Dançarinos da Universidade de Bowling Green, do Conselho de Artes de Ohio para levar a dança aos programas escolares do estado.

Em Nova Iorque passei alguns verões estudando técnicas de dança nas escolas de Martha Graham, Merce Cunningham, Alvim Ailey e Eric Hawkings.¹ Enquanto estudava na Universidade do Estado de Michigan, no Instituto para Pesquisa em Ensino, lecionei todos os níveis de dança moderna, coreografia, história da dança e anatomia para dançarinos na Faculdade Comunitária de Lansing, além de trabalhar com pesquisa. De fato, foi esta experiência simultânea em dança e estudos em pesquisa que me prepararam para minha carreira acadêmica como pesquisadora etnográfica e professora de métodos em pesquisa qualitativa.

Uma segunda razão de eu ter escolhido a metáfora da dança foi simplesmente o seu vigor. A metáfora, em geral, aproxima-se sorradeira e surpreende. Ela desafia a abordagem escaldante de um tópico. Posso somente concordar, de todo o coração, com Eisner (1991) quando discute metáfora:

O que é irônico é que na socialização profissional de pesquisadores educacionais o uso de metáforas é visto como um sinal de imprecisão; entretanto, para tornar notório o inefável, nada é mais preciso que o uso artístico da linguagem. Precisão metafórica é o veículo principal que revela os aspectos qualitativos da vida. (p. 227)

Conseqüentemente, convido o leitor a abraçar esta metáfora da dança, freqüentemente chamada de a mãe das artes.

Dança, como uma verdadeira forma artística, é um ponto de referência útil para lembrar a noção de Dewey (1934/1958) de que não há obra de arte dissociada da experiência humana. Para Dewey, a obra de arte é um evento. Ele vê a arte como envolvendo e desenvolvendo a experiência com uma percepção de significado. Mesmo no mundo artístico, o significado pode se perder no processo de objetificação da arte. Por exemplo, o mundo da dança está cheio de marceneiros, negociantes, esteticistas, médicos de pé, gerentes, anunciantes, promotores e elegantes excêntricos. Na interseção da obra de arte com alguns indivíduos ela pode ser descontextualizada e objetificada. Mas é no sentido de Dewey que falo de dança. Já que a dança trata da experiência vivida, ela me parece uma perfeita metáfora para o planejamento em pesquisa qualitativa.

Alem disso, o pesquisador qualitativo é muito como um artista nos vários estágios do processo de planejamento, em termos de situar e recontextualizar o projeto de pesquisa dentro das experiências

partilhadas pelo pesquisador e pelos participantes no estudo. Dewey vê a arte como uma ponte entre a experiência dos indivíduos e a da comunidade. Em outras palavras, a arte força-nos a pensar acerca de como os seres humanos relacionam-se uns com os outros em seus respectivos mundos. É muito apropriado ver a dança como uma forma artística expressivamente dinâmica que conecta os significados culturais de dançarinos, coreógrafos e comunidade. Como Dewey (1934/1958), que nota que a verdadeira obra de arte é o que o produto faz com e na experiência, o pesquisador qualitativo, como desenhista de um projeto, reconhece o valor do planejamento. O planejamento serve como fundação para o entendimento dos mundos dos participantes e do significado da experiência partilhada entre pesquisador e participantes em um dado contexto social. Dança é uma forma artística interpretativa, e vejo o planejamento em pesquisa qualitativa da mesma maneira.

Planejamento em Pesquisa Qualitativa como Coreografia

Toda dança faz uma afirmação e começa com a questão: o que desejo dizer com esta dança? Muito no mesmo sentido, o pesquisador qualitativo começa com uma questão semelhante: o que desejo saber com este estudo? Este é um ponto inicial crítico. Independente do ponto de vista, e muito freqüente devido ao nosso ponto de vista, concebemos e elaboramos uma questão para investigar. Após tornada clara tal questão, escolhemos a metodologia apropriada para proceder com o projeto de pesquisa. Sempre me surpreendo com estudantes de doutorado e colegas que, logo a princípio, dizem desejar fazer um estudo qualitativo sem uma questão em mente. Perguntam sobre livros e referências para aprender todos os passos, e ficam perplexos quando lhes dou uma lista de leitura. Tal perplexidade advém do fato que durante os últimos 25 anos ou mais, somente em educação, foi publicada uma lista um tanto impressionante e extensa de textos de método e artigos em periódicos, com estudos ilustrativos usando métodos qualitativos. A próxima questão se torna: sim, mas qual dentre eles me diz exatamente o que fazer, passo a passo? Você vê o ponto em questão. Eles não estão preparados para o planejamento em projetos qualitativos, pois não têm uma questão de pesquisa da qual escolher métodos apropriados. Alguns vão mesmo além, dizendo: tenho páginas de dados de professores; como avalio isto em um estudo qualitativo? Novamente, não há uma questão para guiar a investigação. É difícil levar tal proposta a sério.

Planejamento em pesquisa qualitativa começa com uma questão. Obviamente, pesquisadores qualitativos delineiam um estudo com indivíduos reais em mente, e com a intenção de viver naquele cenário social por um tempo. Estudam o cenário social para compreender o significado das vidas dos participantes em seus próprios termos. Menciono isto para contrastar com o paradigma da pesquisa quantitativa, que se sente perfeitamente à vontade agrupando um grande número de pessoas sem comunicar-se com elas face a face. Assim, as questões do pesquisador qualitativo são um tanto diferentes das do pesquisador quantitativo. Em qualquer lugar na literatura o leitor pode encontrar informações sobre o gênero de questões adequadas aos métodos qualitativos (Erickson, 1986; Janesick, 1983). Em geral, questões apropriadas à investigação qualitativa têm sido, há muito, questões de muitos pesquisadores de currículo e teóricos. Por exemplo:

1. questões acerca da qualidade de um dado currículo, inovação, ou programa;
2. questões relativas ao sentido ou interpretação de um componente do currículo;
3. questões relacionadas ao currículo em termos de seus aspectos sociolinguísticos;
4. questões relativas a todo um sistema, como uma sala de aula, escola ou distrito escolar;
5. questões sobre os aspectos político, econômico ou sociopsicológico da educação escolar;
6. questões relativas ao currículo oculto;
7. questões pertinentes ao contexto social da educação escolar;
8. questões pertinentes às teorias implícitas dos professores sobre ensino e currículo.

Esta lista não pretende ser exaustiva; serve apenas para ilustrar as áreas básicas no campo da educação onde pesquisas foram concluídas e empregaram técnicas qualitativas. Isto devido, entre outras coisas, à conveniência da técnica e da questão.

Assim como a dançarina começa com um período de aquecimento, passa aos exercícios de solo e então chega ao período de resfriamento, eu gosto de ver o planejamento qualitativo como composto de três estágios. Primeiro um estágio de aquecimento, ou de decisões de planejamento feitas no princípio do estudo; em segundo vem o estágio de treinamento, durante o qual decisões de planejamento são feitas por todo o estudo; e em terceiro o estágio de resfriamento, quando decisões de planejamento são feitas no fim do estudo. Assim como a dançarina se apoia na espinha dorsal para dar vigor e coerência à dança, o pesquisador qualitativo se apoia no planejamento de seu estudo. Ambos são elásticos. Como a dançarina encontra seu ponto de equilíbrio na região lombar da espinha e na conexão da espinha com o corpo, o pesquisador qualitativo equilibra-se por uma série de decisões de planejamento. Uma dançarina equilibrada pode pender para frente e para trás, de um lado ao outro e, no entanto, sempre retorna a seu equilíbrio, a essência de sua força. Se pensarmos no planejamento do estudo como a espinha dorsal, e na região lombar como o princípio do aquecimento na dança, as decisões no princípio do estudo são muito como o aquecimento lombar, que é o princípio do aquecimento para a dançarina.

Aquecendo: decisões de planejamento no princípio do estudo

O primeiro conjunto de decisões de planejamento têm a ver com o que é estudado, sob que circunstâncias, durante quanto tempo e com quem. Eu sempre começo com uma questão. Por exemplo, quando eu estudava a cultura dos deficientes auditivos em Washington, D.C., por um período de quatro anos (Janesick, 1990), minha questão básica era: como alguns adultos conseguem ser bem sucedidos academicamente e em seus locais de trabalho dado o estigma da surdez em nossa sociedade? Esta questão básica dirigiu todas as minhas observações e entrevistas, e me levou posteriormente a usar grupos focais e técnicas de história oral no estudo. Os grupos focais e as histórias orais evoluíram ambos depois que vim a conhecer as perspectivas da surdez dos doze indivíduos em meu estudo. Usei então técnicas de amostragem teórica para escolher três indivíduos que participariam de uma história oral que compunha o estudo.² Tomei este exemplo para ilustrar a elasticidade do planejamento qualitativo. Grupos focais permitiram-me moderar e observar interações entre três de meus participantes em suas perspectivas de surdez, algo que não poderia ter planejado nos primeiros dias em campo. Não poderia compreender também, no princípio do estudo, o valor da incorporação destas técnicas. Elas me permitiram uma interpretação mais rica das perspectivas de surdez dos participantes.

Simultaneamente com a questão que guia o estudo, o pesquisador qualitativo precisa escolher um lugar de acordo com uma base racional. Acesso e penetração são componentes sensíveis em pesquisa qualitativa, e o pesquisador deve estabelecer confiança, harmonia e autênticos padrões de comunicação entre os participantes. Estabelecendo confiança e harmonia no princípio do estudo, o pesquisador torna-se mais capaz de captar a nuance e o sentido da vida de cada um segundo o ponto de vista do próprio participante. Isto também assegura que os participante terão mais boa vontade em dividir qualquer coisa, e mesmo detalhes, com o pesquisador. A manutenção da confiança e da harmonia continua por toda a extensão do estudo, e muito depois, de fato. Entretanto, deve começar do princípio. Seria difícil imaginar como estabelecer confiança por, digamos, seis meses, em um estudo. Qualquer um de nós que tenha realizado trabalho de campo sabe quão críticas são as primeiras interações no estabelecimento de confiança e harmonia.

Uma vez que o pesquisador tem uma questão, um lugar, um participante ou um certo número de participantes, e um razoável período de tempo para empreender o estudo, ele ou ela precisa decidir entre as mais apropriadas estratégias de coleta de dados. A seleção destas estratégias está intimamente ligada a como o pesquisador vê o propósito do trabalho, ou seja, como entender o cenário social em estudo. Muito frequentemente, pesquisadores qualitativos usam alguma combinação de observação participante, entrevistas e análise documental. A literatura sobre propostas e estratégias usadas em estudos qualitativos é extensa (e.g., Bogdan & Biklen, 1992; Denzin, 1989; Goetz & LeCompte, 1984; LeCompte, Millroy & Priessle, 1992; Lincoln & Guba, 1985; Spradley, 1979, 1980; Strauss & Corbin, 1990). Por exemplo em educação, durante as últimas três décadas, métodos de estudo de caso, história oral, incluindo abordagens narrativas e de história de vida, teoria fundamentada, crítica literária e abordagens etnográficas de pesquisa têm sido descobertos e usados dada sua adequação a questões de

educação e serviços humanos. Isto faz sentido, pois estas são as verdadeiras abordagens que permitem aos pesquisadores lidar com indivíduos.

Sumário

O período de aquecimento, ou o período de tomar decisões no princípio do estudo, inclui decisões relativas ao seguinte:

1. questões que guiam o estudo;
2. escolha de um lugar e participantes;
3. acesso e penetração no lugar e acordo com participantes;
4. o diagrama do tempo para o estudo;
5. seleção de estratégias de pesquisa adequadas, o que pode incluir algumas das opções seguintes (esta lista não pretende incluir todas as possibilidades):
 - a. etnografia
 - b. história de vida
 - c. história oral
 - d. etnometodologia
 - e. estudo de caso
 - f. observação participante
 - g. pesquisa de campo ou estudo de campo
 - h. estudo naturalista
 - i. estudo fenomenológico
 - j. estudo ecológico descritivo
 - k. estudo descritivo
 - l. estudo interacionista simbólico
 - m. microetnografia
 - n. pesquisa interpretativa
 - o. pesquisa de ação
 - p. pesquisa narrativa
 - q. historiografia
 - r. crítica literária
6. o lugar da teoria no estudo;
7. identificação das interferências e da ideologia do pesquisador;
8. identificação dos procedimentos consentidos adequados e boa vontade em lidar com matérias éticas logo que estas se apresentem.

Em termos dos dois últimos itens, eu gostaria de destacar que pesquisadores qualitativos aceitam o fato de que pesquisa é ideologicamente dirigida. Não há planejamento livre de valores ou de interferências. O pesquisador qualitativo desde o princípio identifica suas interferências e articula a ideologia ou o aparato conceitual para o estudo. Identificando-se as interferências, pode-se ver facilmente onde a questão guia do estudo está ancorada. Esta é uma grande diferença entre paradigmas. Enquanto tentamos dar sentido ao nosso mundo social e atribuir significado ao que fazemos como pesquisadores, continuamente despertamos a consciência de nossas próprias interferências. Não pretendemos fingir que a pesquisa é livre de valores. Igualmente pesquisadores qualitativos, porque tratam com indivíduos face-a-face em uma base diária, estão sintonizados para tomar decisões concernentes a matérias éticas, pois isto é parte da vida em campo. Dos momento iniciais das decisões de consenso a outras decisões éticas no campo, e à conclusão do estudo, pesquisadores qualitativos precisam aceitar a possibilidade de existência de dilemas e problemas éticos recorrentes.

Em aditamento às decisões feitas no início do estudo, é útil considerar algumas características do planejamento qualitativo. Novamente, a lista seguinte não pretende ser exaustiva; é apresentada meramente como uma ferramenta heurística.

1. Planejamento qualitativo é holístico. Lança o olhar para um quadro mais amplo, o quadro inteiro, e começa buscando entender do todo.

2. Planejamento qualitativo observa relações dentro de um sistema ou cultura.
3. Planejamento qualitativo refere-se ao pessoal, face-a-face, e imediato.
4. Planejamento qualitativo é focado no entendimento de um dado cenário social, não necessariamente realizando previsões sobre tal cenário.
5. Planejamento qualitativo exige que o pesquisador permaneça no cenário durante um período de tempo.
6. Planejamento qualitativo demanda tempo de análise igual ao tempo permanecido em campo.
7. Planejamento qualitativo exige que o pesquisador desenvolva um modelo para o que ocorreu no cenário social.
8. Planejamento qualitativo requer que o pesquisador se torne um instrumento de pesquisa. Isto significa que o pesquisador deve ter a capacidade de observar comportamentos e afiar as habilidades necessárias para observação e entrevistas face a face.
9. Planejamento qualitativo incorpora as decisões consensuais e é sensível a matérias éticas.
10. Planejamento qualitativo incorpora um espaço para a descrição do papel do pesquisador, bem como para a descrição de suas interferências e preferências ideológicas.
11. Planejamento qualitativo requer análises em curso de dados.

Outros capítulos neste volume discutem muitas das características acima em profundidade, e o leitor poderá beneficiar-se dessas discussões. Uma vez tenha o pesquisador começado o estudo e já está em campo, outro conjunto de pontos de decisão emerge.

Exercícios: o estudo piloto e decisões de planejamento em curso

Antes de se devotar ao árduo e significativo compromisso temporal de um estudo qualitativo, uma boa idéia é fazer um estudo piloto. Pré-entrevistas com participantes chave selecionados e um breve período de observação e resenha de documentos pode auxiliar o pesquisador de várias maneiras. O estudo piloto permite ao pesquisador focalizar-se em áreas particulares que podem não ter ficado claras previamente. Além disso, entrevistas piloto podem ser usadas para testar certas questões. Ainda mais, esta diagramação inicial do tempo permite ao pesquisador começar a desenvolver e a solidificar uma relação harmoniosa entre os participantes, tanto quanto estabelecer padrões de comunicação eficazes. Incluindo algum tempo para a resenha de anotações e documentos, o pesquisador pode ter um *insight* sobre a forma do estudo que previamente não estava aparente. Usando novamente um exemplo do meu estudo sobre a cultura de surdos: antes de realizar minhas entrevistas com os participantes, eu gastei algum tempo nos arquivos da Universidade Gallaudet, lendo jornais, procurando por recortes de jornal e assistindo vídeos, procedimentos todos muito úteis para o meu entendimento das influências históricas que levaram ao movimento “Presidente Surdo Já”.³ Vi, em retrospecto, temas comuns e categorias nas transcrições subseqüentes das entrevistas, que fizeram um perfeito sentido, dada a série de situações históricas em um período de 125 anos anterior à escolha do primeiro presidente surdo da Universidade Gallaudet. Logo, o tempo investido em um estudo piloto pode ser valioso e enriquecedor em fases posteriores do estudo.

Outras decisões tomadas durante o estudo comumente se referem ao uso eficaz do tempo, assuntos dos participantes e assuntos do pesquisador. Já que para trabalhar em campo é indispensável uma boa porção de tempo, o pesquisador qualitativo deve estar preparado para ajustar programas, ser flexível com o tempo das entrevistas, saber adicionar e subtrair observações ou entrevistas, substituir participantes no caso de trauma ou tragédia, e mesmo rever os termos do consentimento original. Minha própria experiência em conduzir demorados estudos etnográficos levaram-me a refinar e reajustar o planejamento constantemente enquanto procedia com o estudo, especialmente nesta fase. Estando totalmente imerso nas ações imediatas e locais, afirmações e crenças dos participantes, o pesquisador deve estar preparado para tratar do foco substancial do estudo e de suas próprias pressuposições. Simplesmente observar e entrevistar não assegura que a pesquisa é qualitativa, pois o pesquisador qualitativo deve também interpretar as crenças e o comportamento dos participantes. Em certo sentido, o pesquisador, enquanto em campo, está constantemente imerso em uma combinação de decisões deliberadas sobre hipóteses geradas e testadas por um lado e reações intuitivas por outro. O

pesquisador encontra na vasta literatura de sociologia, antropologia e educação regras básicas comuns, com as quais a maioria dos pesquisadores concordam:

1. Procure o significado e as perspectivas dos participantes no estudo.
2. Procure relações em respeito à estrutura, ocorrência e distribuição dos eventos pelo tempo.
3. Procure pontos de tensão: o que não está bem? Quais são os pontos de conflito neste caso?

Como Erickson tão eloqüentemente nos lembra, o uso de técnicas qualitativas não necessariamente significa que a pesquisa que está sendo conduzida é qualitativa. O que faz a pesquisa qualitativa é questão de “foco substancial e intenção”. Erickson usa o exemplo da descrição narrativa. Um pesquisador quantitativo pode usar essa técnica e propor um resultado muito diferente daquele ao qual chega um pesquisador qualitativo no mesmo cenário:

É importante enfatizar desde o princípio que o uso da narração descritiva contínua como técnica - o que pode ser chamado menos formalmente de “escrever como louco” - não necessariamente significa que a pesquisa que está sendo conduzida é interpretativa ou qualitativa, em um sentido fundamental. O que faz tal ou tal trabalho ser interpretativo ou qualitativo é uma questão de foco substancial e de intenção, mais do que o procedimento de coleta de dados, ou seja, uma técnica de pesquisa não constitui um método de pesquisa. A técnica da descrição narrativa contínua pode ser usada por pesquisadores de orientação positivista e comportamentalista, que exclui do interesse da pesquisa os significados imediatos das ações do ponto de vista dos agentes. A descrição narrativa contínua pode também ser usada por pesquisadores com uma orientação interpretativa, não positivista, na qual os significados imediatos (frequentemente intuitivos) dos agentes envolvidos têm um interesse central. As pressuposições e conclusões destes dois tipos de pesquisa são muito diferentes, e o conteúdo da descrição narrativa que é escrita difere da mesma forma. Se dois observadores com estas diferentes orientações fossem postos no mesmo lugar para observar o que foi ostensivamente o “mesmo” comportamento realizado pelos “mesmos” indivíduos, eles poderiam escrever relatos substantivamente diferentes do que ocorreu, escolhendo diferentes classes de verbos, substantivos, advérbios e adjetivos para caracterizar as ações descritas (pp. 119-120).

Além disso, ele argumenta que o estado da arte da pesquisa em ensino, por exemplo, é o de teorias rivais, programas de pesquisa rivais, e usos rivais de técnicas. O pesquisador qualitativo precisa enfrentar isto de forma prática em alguns pontos durante o processo de pesquisa. Erickson (1986) assim o coloca:

O conflito corrente na pesquisa em ensino, eu diria, não é o de paradigmas que competem. Não, porque os pontos de vista competidores não diferem ontologicamente. Tal se deu simplesmente porque Lakatos (1968) e outros sustentaram para as ciências naturais - e especialmente para as ciências sociais - paradigmas que em verdade não competem no discurso científico. Velhos paradigmas raramente são substituídos por falsificações. O velho e o novo paradigma tendem mais a coexistir. Assim foi na sobrevivência da física Newtoniana, que pode ser usada para certos propósitos a despeito das concepções da física Einsteiniana, esta que para outros propósitos põe aquela de lado. Especialmente nas ciências sociais, paradigmas não morrem; eles desenvolvem veias varicosas e se ajustam a marcapassos cardíacos. A perspectiva da pesquisa padrão em educação e a perspectiva interpretativa certamente são teorias rivais - programas de pesquisa rivais - mesmo que seja improvável que o último venha a substituir totalmente o primeiro. (p. 120)

Bem o mesmo se dá no mundo da dança. Embora a técnica de Graham tenha representado o paradigma transferido do balé para a dança moderna, elementos de balé são ainda usados dentro do idioma da dança moderna. Além disso, a dança moderna abraçou múltiplas e competidoras técnicas rivais, tais como as de Cunningham e Tharp. Basicamente, o pesquisador qualitativo como planejador do projeto de pesquisa tomará decisões em todos os estágios do projeto. Decisões de aquecimento feitas antes da entrada em campo constituem o primeiro conjunto de decisões. Exercícios, o segundo estágio de decisões, ocorrem dentro do período de coleta de dados em campo. O terceiro estágio de decisões de

planejamento constitui-se naquelas feitas ao fim do estudo, depois de ter deixado o campo - o que chamo de resfriamento.

Resfriando: decisões de planejamento tomadas ao fim do estudo

Decisões de planejamento ao fim do estudo são semelhantes à parte de resfriamento do movimento de dança. O pesquisador deve decidir quando deixar o campo, o que é frequentemente um evento emocional e traumático, devido à íntima relação desenvolvida no curso do estudo. Usualmente deixo o cenário muito como deixo o exercício de dança. Por exemplo, em meu estudo das perspectivas de um professor em sala de aula (Janesick, 1982), após observar em uma rotina diária por seis meses, comecei a escalonar minhas observações e entrevistas, no sétimo mês de trabalho de campo, de cinco dias por semana a três dias por semana até a um dia por semana, e então realizar encontros com o professor para examinar se são de sua conveniência as transcrições das entrevistas.

Seguindo o processo de abandono do campo, a análise final dos dados pode começar. Obviamente, o pesquisador qualitativo veio desenvolvendo categorias a partir dos dados através de uma constante análise comparativa por todo o tempo do estudo.⁴ O processo de redução de dados em um modelo tratável constitui um objetivo final do planejamento em pesquisa qualitativa. Há uma contínua avaliação e refinamento de conceitos enquanto o trabalho de campo prossegue. O pesquisador propositadamente procura exemplos negativos, porque estes podem invalidar alguns constructos hipotéticos iniciais. Enquanto a análise continua, o pesquisador desenvolve modelos de trabalho que explicam o comportamento em estudo. Enquanto a análise continua, o pesquisador pode identificar relações que conectam partes da descrição com as explicações propostas nos modelos de trabalho. O pesquisador tenta determinar a significância dos vários elementos nos modelos de trabalho, e verificá-los por checagens das notas de campo, transcrições de entrevistas e documento.

Em seguida à construção do modelo, o próximo componente do processo é a apresentação dos dados em forma narrativa sustentados por evidências das declarações e comportamentos acumulados nas notas e entrevistas. Em outras palavras, o pesquisador faz asserções empíricas sustentadas por citações diretas das notas e entrevistas. O pesquisador também precisa prover algum comentário interpretativo enquadrando os achados centrais do estudo. A discussão teórica deve ser rastreável nos dados. Ainda, o pesquisador deve descrever seu papel durante todo o estudo, de forma que o leitor entenda a relação entre ele e os participantes. Isto possibilita ao pesquisador o confronto com credibilidade das importantes questões do estudo enquanto examina a extensão total das evidências. Porque o trabalho qualitativo reconhece, desde o princípio, que a perspectiva do pesquisador evolui durante o estudo, um componente crítico na escrita do relatório é a descrição do papel do pesquisador.

Triangulação

O pesquisador frequentemente baseia-se na triangulação, ou uso de vários métodos ou dados. Denzin (1978) identifica quatro tipos básicos de triangulação:

1. *Triangulação de dados*: o uso de variadas fontes de dados no estudo
2. *Triangulação de investigadores*: o uso de vários e diferentes pesquisadores ou avaliadores
3. *Triangulação teórica*: o uso de múltiplas perspectivas para interpretar um mesmo conjunto de dados
4. *Triangulação metodológica*: o uso de múltiplos métodos para estudar um mesmo problema

Eu gostaria de adicionar um quinto tipo a esta lista: *triangulação interdisciplinar*. Triangulação interdisciplinar pode ajudar-nos a sair da trincheira dominante da psicologia. Em educação pelo menos, a psicologia dominou completamente o discurso. Não só esta dominância é vista na arena quantitativa mas, de fato, uma grande parte do discurso em pesquisa qualitativa está fortemente influenciado por pontos de vista psicométricos subjacentes de mundo. Os mitos que prevalecem sobre agrupamento de números e, mais tragicamente, agrupamento de indivíduos em conjuntos de números, nos afastou da nossa compreensão da experiência vivida. Usando outras disciplinas tais como a arte, a sociologia, a história, a dança, a arquitetura e a antropologia para informar nossos processos de pesquisa, podemos

ampliar nosso entendimento do método e da substância. A triangulação deveria ser uma ferramenta heurística para o pesquisador. Embora o termo fosse usado originariamente por agrimensores para descrever o uso de três pontos a serem localizados em interseções particulares, não é aqui tomado literalmente, como um estudante me perguntou certa vez: “Triangulação significa que você pode usar apenas três tipos de métodos ou perspectivas?” Claramente, este limite não se aplica em pesquisa qualitativa. Para maiores elaborações do constructo de Denzin, veja a adaptação de Patton (1990) para pesquisadores de avaliação.

Importantes considerações na escrita da narrativa

O pesquisador qualitativo usa análise indutiva, o que significa que categorias, temas e padrões vêm dos dados. As categorias que emergem das notas de campo, documento e entrevistas não são impostas antes da coleta de dados. Desde o princípio, o pesquisador desenvolverá um sistema de codificação e categorização dos dados. Não há um melhor sistema de análise. O pesquisador pode seguir as diretrizes rigorosas descritas na literatura (ver Eisner, 1991; Fetterman, 1989; Goetz & LeCompte, 1984; Lincoln & Guba, 1985; Miles & Huberman, 1984; Patton, 1990), mas as decisões finais sobre a narrativa residem no pesquisador. Como o coreógrafo, o pesquisador deve encontrar a maneira mais eficaz de contar a história, de convencer a platéia. Manter-se fiel aos dados é o mais seguro meio de dizer e contar a história, assim como na dança a história é contada pelo corpo. Como na arena quantitativa, o propósito de conduzir um estudo qualitativo é produzir achados. Os métodos e estratégias usados não são fins em si mesmos. Há um perigo de se ficar tão ocupado com métodos que os achados substanciais são obscurecidos.

Metodolatria

Uso o termo *metodolatria*, uma combinação de *método* e *idolatria*, para descrever uma preocupação com a seleção e defesa de métodos sob o risco de exclusão da substância real da história que está sendo contada. Metodolatria é a devoção e o apego servil ao método que muito frequentemente ultrapassa o discurso na educação e no campo de serviços humanos. Em minha vida testemunhei uma quase constante obsessão pela trindade validade, confiabilidade e generalizabilidade. É sempre tentador ficar superenvolvido com método e, assim agindo, afastar a experiência do conhecimento. Metodolatria é outro modo de se afastar do entendimento da experiência real de participantes no projeto de pesquisa. No estágio final da escrita do projeto seria talvez sábio evitar uma excessiva preocupação com método. Em outras palavras, o pesquisador qualitativo deveria imediatamente focalizar-se sobre a substância dos achados. Pesquisa qualitativa depende da apresentação de dados descritivos sólidos, de modo que o pesquisador leve o leitor ao entendimento do significado da experiência em estudo. Em termos clássicos, sociólogos e antropólogos nos têm mostrado que o ato de encontrar categorias, relações e padrões entre categorias leva à completude na narrativa. Spradley (1980) sugere a procura de temas ou domínios culturais. Denzin (1989) segue a primeira concepção de Husserl de “pôr entre parênteses”, o que significa guardar o fenômeno até uma inspeção séria, e sugere os seguintes passos:

1. Localize na experiência pessoal, ou auto-história, frases chaves e afirmações que tratam diretamente do fenômeno em questão.
2. Interprete o significado dessas frases como um leitor informado.
3. Obtenha a interpretação dos participantes desses achados, se possível.
4. Inspeccione esses significados pelo que revelam sobre o essencial, características recorrentes do fenômeno que está sendo estudado.
5. Proponha uma tentativa de explicação ou de definição do fenômeno em termos das características essenciais recorrentes identificadas no passo 4.

Assim, no processo de por entre parênteses, o pesquisador tem a oportunidade de tratar dos dados em todas as suas formas igualmente. Pode então categorizar, agrupar e enfeixar os dados em ordem a interpretá-los. O pesquisador usa constante análise comparativa para procurar declarações e

indícios de comportamento que ocorrem em uma variedade de períodos durante o estudo. Além do mais, pôr entre parênteses possibilita ao pesquisador encontrar pontos de tensão e de conflito que não estão bem. Depois de imersão total no cenário, o pesquisador necessita de tempo para análise e contemplação dos dados. Reservando tempo suficiente para examinar os dados com cuidado, o pesquisador abre possibilidades para a descoberta dos significados nas vidas dos participantes. Achei Moustakis (1990) útil para fazer uma abordagem heurística aqui. Ele dá espaço ao uso da análise indutiva em cinco fases. Primeiro, a imersão no cenário inicia o processo indutivo. Segundo, o processo de incubação que leva em conta pensar, tornar-se consciente da nuance e significado no cenário, e captar insights intuitivos para obter entendimento. Terceiro, uma fase de iluminação que leva em conta o crescimento da consciência. Quarto, e mais compreensivelmente, uma fase de explicação que inclui a descrição e a explicação para capturar a experiência dos indivíduos no estudo. Finalmente, uma síntese criativa habilita-nos a compreender em um todo as histórias individuais, incluindo o sentido da experiência vivida.

O propósito destas disciplinadas abordagens de análise é obviamente descrever e explicar a essência da experiência e do significado nas vidas dos participantes. Patton (1990) sugere um balanceamento entre descrição e interpretação. Denzin (1989) elabora um pouco mais, sugerindo que uma descrição densa torna possível uma interpretação densa. Descrição sem fim não é útil se o pesquisador pretende apresentar uma narrativa vigorosa. Análise e interpretação efetivamente balanceiam a descrição.

A questão da credibilidade

A literatura em pesquisa qualitativa contém muitos valiosos e úteis tratamentos da questão da credibilidade (ver, p. ex., Eisner, 1991; Lincoln & Guba, 1985; Patton, 1990). Basicamente, pesquisadores qualitativos têm-se mostrado pacientemente sensíveis a questões usualmente formuladas de uma perspectiva psicométrica. Como Patton (1990) coloca, um estudo qualitativo digno de confiança chama a atenção para três questões:

1. Que técnicas e métodos foram usados para garantir a integridade, a validade e a exatidão dos achados?
2. O que o pesquisador traz para o estudo em termos de experiência e qualificações?
3. Que suposições sustentam o estudo?

Pesquisadores qualitativos podem achar nestas questões um guia útil na escrita da narrativa.

Validade, generalizabilidade e confiabilidade

Em resposta às questões de validade, generalizabilidade e confiabilidade, conto com a experiência e com a literatura. Descrição de pessoas, de lugares e de eventos têm sido a pedra angular da pesquisa qualitativa. Acredito que o continuará sendo, pois esta é a razão de viver do pesquisador qualitativo. O que aconteceu recentemente, como Wolcott (1990) nos lembra, é que o termo *validade*, que é superespecífico em um domínio, torna-se confuso quando transferido a outro. *Validade* na arena quantitativa tem um conjunto de microdefinições das quais o leitor provavelmente está bem informado. Validade em pesquisa qualitativa tem a ver com descrição e explicação, e se uma dada explicação se adequa ou não a uma dada descrição. Em outras palavras, a explicação é digna de confiança?

Aplicando as sugestões de Lincoln & Guba (1985) e outros, podemos fazer checagens cruzadas em nosso trabalho através de elementos de verificação e auditorias. Como regra, na escrita da narrativa, o pesquisador qualitativo deve decidir que tipo de elemento de verificação usará. Por exemplo, muito freqüentemente os participante de um estudo mudam de residência, deixam a área ou pedem não mais fazer parte como elemento de verificação. O pesquisador precisa encontrar uma maneira de permitir aos participantes, de uma forma ou de outra, rever o material. Durante anos, antropólogos e sociólogos incorporaram um tipo de elemento de verificação tendo uma pessoa estranha lendo suas notas de campo e transcrições de entrevistas. Esta variação corrente é boa, pois a pesquisa em educação é sempre pública, aberta ao público e, em muitos casos, custeadas por instituições federais. Na diretiva do elemento de verificação está implícita, entretanto, o pressuposto psicométrico de que a trindade

validade, generalizabilidade e confiabilidade, todos termos do paradigma quantitativo, devem estar presentes na pesquisa. Penso que já é tempo de questionar a trindade.

Wolcott (1990) nos apresenta uma provocativa discussão sobre a procura e a rejeição da validade. Ele faz voz pelo entendimento do absurdo da validade, desenvolvendo uma argumentação em que não há uma interpretação única e “correta”. De forma semelhante, Donmoyer (1990) argumenta até mais fortemente pela rejeição das noções tradicionais de generalizabilidade para os pesquisadores em educação e serviços humanos, pessoas que lidam com indivíduos e com o significado em suas vidas. Ele argumenta que os meios tradicionais de pensar sobre generalizabilidade são inadequados. Não evita entretanto a generalizabilidade por completo. Burocratas e políticos, por exemplo, parecem preferir números agrupados sobre certas condições sociais e, para suas necessidades, generalizabilidade parece fazer sentido.

Por outro lado, para aqueles de nós interessados em questões de significado e interpretação em casos individuais - o tipo de pesquisa feita em educação e serviços humanos - o pensamento tradicional sobre generalizabilidade torna-se estreito. O ponto de vista tradicional sobre generalizabilidade limita a habilidade do pesquisador em reconceitualizar o papel da ciência social em educação e serviços humanos. Além disso toda a história da pesquisa de estudo de caso em antropologia, educação, sociologia e história mantém-se sólida em seus méritos. De fato, o valor do estudo de caso é sua unicidade: conseqüentemente, confiabilidade no sentido tradicional de repetição não faz sentido aqui. Espero possamos ir além das discussões dessa trindade psicométrica e avançar com a discussão de vigorosas afirmações provenientes de longos e rigorosos estudos, cuidadosamente realizados, e que descubrem os significados dos eventos nas vidas de cada um.

De alguma forma perdemos o elemento humano e apaixonado de pesquisa. Imergir em um estudo requer paixão: paixão por pessoas, paixão por comunicação e paixão por entender pessoas. Esta é a contribuição da pesquisa qualitativa, e que pode apenas melhorar a prática educacional e a de serviços humanos. Por muito tempo permitimos que a psicométrica governasse a nossa pesquisa, descontextualizando assim o indivíduo. Despersonalizando o mais social dos eventos sociais, a educação, perdemos o nosso norte. Já é tempo de voltar ao discurso sobre o pessoal, em que isto significa estar vivo.

O significado e a metáfora da dança

Não é notável que toda a história da dança tenha sido caracterizada por uma profunda divisão? O que poderíamos aprender disto? Todas as artes e ciências fazem uso da tradição, e o primeiro passo para compreendê-las é entender o seu passado. Dança e coreografia estão ligadas ao passado de uma maneira peculiar. Dança e coreografia derivam de um elemento da sociedade, as cortes dos reis e rainhas. Dança, uma forma de contar histórias, sempre preencheu uma necessidade básica na sociedade, expressando felicidade, tristeza, medos, alegria e desejos. Enquanto as sociedades foram se desenvolvendo e se organizando, dividindo-se em tribos, nações e classes, a função da dança tornou-se mais complicada. Sua linguagem, passos e movimentos há muito não representam tribos primitivas sem classes sociais. A dança tornou-se dividida.

Uma forma dessa divisão sobrevive como dança folclórica, na linha antiga e primitiva de dança comunitária. A outra forma emergiu da classe governante da sociedade, a corte, centro do poder social. Não há muito, o balé se tornou um léxico oficial da corte, e as danças da corte uma classe definida e um símbolo de status. Ainda não antes deste século a influência governamental em dança, balé, foi desafiada por uma frágil e determinada mulher de Vermont, Martha Graham. O campo hoje em dança vai bem em uma era pós-moderna principalmente, mas não exclusivamente, devido à arte de Merce Cunningham. Essencialmente, Cunningham fez as seguintes reivindicações (Banes, 1980, p. 6):

1. Qualquer movimento pode ser material para a dança.
2. Qualquer procedimento pode ser válido.
3. Qualquer parte ou partes do corpo podem ser usadas, sujeitas às limitações da natureza.
4. Música, vestuário, iluminação e dança têm suas próprias lógicas e identidades.
5. Qualquer dançarino em uma companhia pode ser um solista.
6. Qualquer espaço pode ser útil à dança.

7. Dança pode ser sobre qualquer coisa, mas é fundamentalmente e primeiramente sobre o corpo humano e seus movimentos, começando com o andar.

As danças de Cunningham descentralizam-se no espaço e estendem-se no tempo. Descartam o que é familiar e fácil. São imprevisíveis. Parecem às vezes não ter sido planejadas. Podem ser usados métodos aleatórios, tal como lançar moedas (Banes, 1980, afirma que embora tal método seja aleatório, os movimentos do dançarino são determinados por eventos ao acaso). O acaso subverte hábitos e leva e abre espaço para novas combinações e interpretações. Cunningham verdadeiramente faz a palavra *radical*, retornando à sua raiz, tornar à vida. Ele preserva a continuidade e uma lógica física em sua busca pelo significado no movimento e pelo desejo de contar uma estória. Pensando a dança como metáfora para o planejamento em pesquisa qualitativa, o significado, para mim, reside no fato de que a substância da dança é o familiar, andar, correr, qualquer movimento do corpo. O pesquisador qualitativo é como o dançarino, e assim procura descrever, explicar, fazer entendível o familiar de forma contextualizada, pessoal e apaixonada. Como Goethe nos disse, “O mais difícil de se ver está diante dos olhos”.

Sumário e considerações finais

As decisões de planejamento do pesquisador qualitativo podem ser pensadas como semelhantes aos três estágios da dança: aquecimento, exercícios e resfriamento. O pesquisador qualitativo toma uma série de decisões no início, meio e fim do estudo. O planejamento em pesquisa qualitativa tem uma qualidade elástica, muito como a elasticidade da espinha dorsal da dançarina. Tal como a dança espelha e se adapta à vida, o planejamento qualitativo é adaptado, transformado e redefinido enquanto o estudo prossegue, devido às realidades sociais de se fazer pesquisa com a vida. O pesquisador qualitativo faz foco em descrição e explicação, e todas as decisões de planejamento, em última instância, relacionam-se a estes atos. Construído em um planejamento de pesquisa qualitativa está um sistema de verificações e de balanceamento que incluem a permanência em um cenário e a captura e a interpretação do significado nas vidas dos indivíduos. Permanecendo no cenário pelo tempo, o pesquisador tem a oportunidade de usar a triangulação de dados, triangulação de investigadores, triangulação teórica, triangulação metodológica, triangulação interdisciplinar. Isto leva em conta muitos pontos de vista de diagramar o problema, selecionando estratégias de pesquisa e estendendo o discurso por vários campos de estudo. Isto é exatamente o oposto da abordagem quantitativa, que se baseia na psicometria e prefere agrupar números que estão um ou mais passos afastados da realidade social. O pesquisador qualitativo não se sente confortável com metodolatria e prefere capturar a experiência vivida dos participantes em ordem a entender suas perspectivas de significado. Finalmente, o pesquisador qualitativo é como o coreógrafo, que cria uma dança para declarar algo. Para o pesquisador a estória contada é a dança em toda a sua complexidade, contextualidade, originalidade e paixão.

Notas

1. Fui a Nova Iorque porque lá é o centro do mundo da dança, onde todos os níveis e variedades de técnicas de dança são ensinadas em várias escolas. Fui originalmente treinada na técnica de Graham, e por isso fui naturalmente àquela escola em primeiro lugar. No primeiro dia, na primeira classe, eu fiquei completamente aborrecida. Como conhecia o vocabulário do método, perguntei se ninguém questionava aquela abordagem. Outro estudante da classe disse-me que Erick Hawkins e Merce Cunningham resistiram, rebelaram-se e romperam com Graham para abrir suas próprias escolas. Consegui me matricular na escola de Hawkins, e deste ponto em diante minha vida mudou. De Erick Hawkins aprendi que criatividade e o corpo/mente são um, e fui introduzida no pensamento oriental. Não há necessidade de separar o eu criativo da vida. Ele e todos seus professores foram inspiradores e brilhantes. Decidi que iria aperfeiçoar a arte e a técnica de ensinar, como instrutora de dança e como educadora de artes. De Merce Cunningham e professores de Westbeth, aprendi a confiar no corpo e a fazer uso da experiência de vida em meu trabalho como coreógrafa. Para Cunningham dança é um encontro casual entre movimento, som e luz pelo espaço. O expectador vê o que deseja. Cunningham

investiga o processo da dança à maneira Zen. Ele foi chamado de o anarquista da dança moderna tanto quanto o ponto inicial do movimento pós-moderno de dança. Todas as danças fundam-se em uma experiência, e todas as histórias que são contadas sobre aquela experiência dependem do corpo, ou seja, do instrumento de pesquisa. O corpo é o instrumento pela qual a vida é vivida. Em dança, o corpo não pode negar o impulso de expressar a experiência vivida. É virtualmente impossível para o corpo mentir ou encobrir a verdade na dança. O outro lado disso, obviamente, é que o corpo é limitado pelo processo de envelhecimento. Há um lugar para a experiência vicária no mundo da dança, mas é sempre secundária à experiência vivida. Merce Cunningham, por exemplo, está na casa de seus 70 anos e ainda ensina, mas só agora está escrevendo sobre o processo de coreografar, e apenas recentemente suas danças vêm sendo filmadas. Para o dançarino, deve-se dançar (ver Cunningham, 1985).

2. Aprendi pela primeira vez amostragem teórica em meu treinamento como etnógrafa da escola simbólica interacionista, lendo Glaser & Strauss (1967). Amostragem teórica é o coração de abordagens teóricas fundamentadas de pesquisa. Ela leva em conta o uso do método comparativo constante na coleta e análise de dados. Amostragem teórica leva em conta a direção do estudo e permite ao pesquisador ter confiança em suas categorias, desde o momento em que emergem dos dados e são constante e seletivamente reformuladas pelo caminho. Em qualquer estudo os dados não falam por si sós. O pesquisador deve produzir sentido dos dados de forma significativa, e esta técnica lhe permite encontrar uma maneira ativa de procura de dados.

3. A Universidade Gallaudet é a única de artes liberais dedicada à educação de indivíduos surdos. Dr. I. King Jordan se tornou o primeiro presidente surdo depois que a campanha “Presidente Surdo Já” foi realizada. Este movimento revolucionário, envolvendo tanto estudantes quanto membros da faculdade, fechou a instituição durante as deliberações de escolha do presidente. A Universidade Gallaudet tem aproximadamente 2000 estudantes; todos os da graduação são surdos (cerca de 1500 estudantes), e dos 500 estudantes de pós-graduação aproximadamente 100 são surdos. Fundada em 1864 pelos esforços do presidente Lincoln, Gallaudet teve apenas presidentes audientes até que o Dr. Jordan foi eleito.

4. A análise comparativa constante possibilita ao pesquisador desenvolver uma teoria fundamentada. Uma teoria fundamentada é indutivamente derivada do estudo. Coleta de dados, análise e teoria relacionam-se reciprocamente. Fundamenta-se a teoria nos dados a partir de declarações de crença e do comportamento dos participantes no estudo. Ver Glaser & Strauss (1967) e Strauss & Corbin (1990) para uma descrição mais detalhada de teoria fundamentada. Esta é basicamente oposta ao uso da teoria no paradigma quantitativo. Em vez de provar uma teoria, o pesquisador qualitativo estuda um cenário e desenvolve a teoria fundamentada nos dados. Esta é uma metodologia bem estabelecida na psicologia social e sociologia. Pesquisadores educacionais estão começando a usar cada vez mais teoria fundamentada. Isto faz sentido, dados os tipos de questionamentos que fazemos.